



200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.
**A INDÚSTRIA E O
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



EVOLUÇÃO POLÍTICA

RETRATO DO BRASIL NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA



Mary Del Priore

Historiadora e escritora, com pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, é autora de diversas obras sobre História do Brasil. Escreveu a série "Histórias da Gente Brasileira (Colônia, Império e República)" e os livros "As vidas de José Bonifácio", "A viagem proibida: nas trilhas do outro" e "À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a história do Brasil"

Dizia Millôr Fernandes que *"o Brasil tem um enorme passado pela frente"*. Nesse sentido, gostaria de reconstituir alguns momentos da nossa história, levando em conta o trinômio urbanização, consumo e industrialização, que talvez explique o comportamento que os brasileiros têm hoje diante da política.

Na época do golpe militar de 1964, grande parte da população achava estar diante da possibilidade de viver o estilo de vida americano. O país agrário se torna urbano, nas cidades cresce o emprego, a classe média se amplia, Brasília muda a relação de forças entre interior e litoral, migração massiva, mulheres no mercado de trabalho, a base industrial se estruturando e voltada para a exportação. Aumenta a população dos variados níveis de ensino e do sistema de pós-graduação. As cidades se modernizam, os espigões crescem. A construção civil começa a atrair milhares de imigrantes.

Nesse momento de *anos de ouro, dentro dos anos de chumbo*, construímos a realidade da “cidade partida”, que o escritor Zuenir Ventura tão bem descreve em um livro com esse título. Crescimento da riqueza, ao lado da multiplicação da pobreza. Condomínios fechados ao lado de favelas, que não aceitam programa de contenção. No centro disso tudo, uma espécie de urbanismo à americana, no qual a catedral é o shopping center, templo de consumo das classes médias, que prosperam. Insisto na ideia dos *anos de ouro nos anos de chumbo*.

Nas cidades, a mobilidade é absolutamente alterada. Em 1974, São Paulo constrói o primeiro metrô. A indústria automobilística cresce 20% nos anos 70 e ganha avenidas, viadutos, estradas. O Fusca, carro popular, ganha isenção de imposto para ficar ao acesso de todos. Ao longo dos anos 80, trabalhei com revistas de circulação nacional e percebia que os jovens dessa época não se interessavam por política, nem por ecologia, embora estivessem saindo dos anos de ditadura. Eles queriam subir na vida e comprar um *Chevette (automóvel lançado pela General Motors/Chevrolet em 1973)*.

Esse urbanismo vai trazer novidades também nas formas de morar. A vida pessoal e íntima das pessoas vai sofrer a revolução do conforto. Lembro das feiras de imóveis e da indústria

moveleira, das feiras de utilidades, dos revestimentos e materiais revolucionários, que fazem parte do novo vocabulário do decorador de interiores, e de metais e louças para banheiro, *playground* e piscina, que criam também uma indústria à parte. Oferece-se cozinhas integradas, que eram inexistentes antes dos anos 70.

Curiosamente, a urbanização iria trazer impactos na forma de se alimentar. O crescimento de serviços e de empregos obriga as pessoas a comer fora. Nascem os restaurantes a quilo, os rodízios, os *fast-food*, os alimentos industrializados. Não se come mais em casa. O pequeno mercado de bairro dá lugar ao super ou hipermercado, que alavanca a compra por impulso. Por que comprar apenas um pãozinho, quando você pode comprar pão, manteiga e queijo?

A indústria de alimentos processados cresce enormemente: massas, embutidos, laticínios, biscoitos. Os consumidores de baixa renda vão substituindo seus hábitos de comer carne de segunda para consumir iogurte; o macarrão substitui o feijão; junto com os eletrodomésticos, chega a comida congelada nas classes médias. A partir dos anos 70, surge a luta contra a inflação, o desemprego e a carestia.

Logo, os traços negativos na evolução alimentar dos brasileiros começam a aparecer. As pessoas comem mais,

mas comem mais gordura e, em consequência, ficam com menos saúde. Caímos em outra indústria: a indústria do emagrecimento, dietas, remédios milagrosos. Lembro que a indústria do *fitness* surge no Brasil nos anos 70. Em 1975, o Brasil já tinha 15 mil academias e era campeão de cirurgias plásticas e de importação de aparelhos esportivos.

Na área do lazer, também temos grandes modificações. Graças à tecnologia, as pessoas veem mais futebol na televisão. O disco e a vitrola quebram a separação entre a alta cultura e a cultura popular. Em 2000, 95% das casas brasileiras têm televisão, que começou a funcionar no Brasil em 1950. E a TV Globo, síntese da cultura nacional, por meio das suas novelas e do Jornal Nacional, dita as modas. Com o acesso à carteira de trabalho, passa a fazer parte do vocabulário do brasileiro a palavra “férias”. Surgem a indústria de turismo, motéis, *camping* clubes, apartamentos e venda de *trailers*.

Os *anos de ouro dos anos de chumbo* cortam o Brasil com novas estradas, que vão margear o litoral. Nas décadas de 1960 e 1970, o jovem brasileiro passa a fazer parte da revolução sexual, da revolução do *rock and roll* e ocupa as praias com esportes radicais, concertos, festivais da canção, com a indústria da música, do disco, dos shows. Consome todo tipo de artefato da

moda, com a dinâmica da indústria de tecidos. O *biquini* se torna produto de exportação.

Essas mudanças todas que a indústria, a urbanização e o consumo trouxeram para os brasileiros se fizeram acompanhar da democratização da pílula anticoncepcional, do movimento feminista, do aumento dos divórcios e da diminuição dos casamentos no final dos anos 80 e 90.

Apesar de tudo isso, continuamos com uma sociedade profundamente conservadora e que continua homofóbica, racista, machista, a favor do *'estupra, mas não mata'* e da pena de morte, contra divórcio, aborto e feminismo.

E malgrado essa enorme mobilidade social e o aumento da educação, as relações éticas são dominadas pelo chamado "familismo amoral" – uma expressão tão bem usada pelo sociólogo *Leonardo Avritzer*, que se resume no lema *"quem vai me dar alguma coisa em troca?"*. As pessoas preferem as relações pessoais a qualquer ideia de valorização do público. Carros, *shopping centers*, hipermercados, televisão: tudo isso leva a um mundo de consumo que, por sua vez, carrega o cidadão brasileiro por essa obsessão do novo, pelo novo. A Constituinte nova, a televisão nova, o presidente novo. O que não funciona, troca-se.

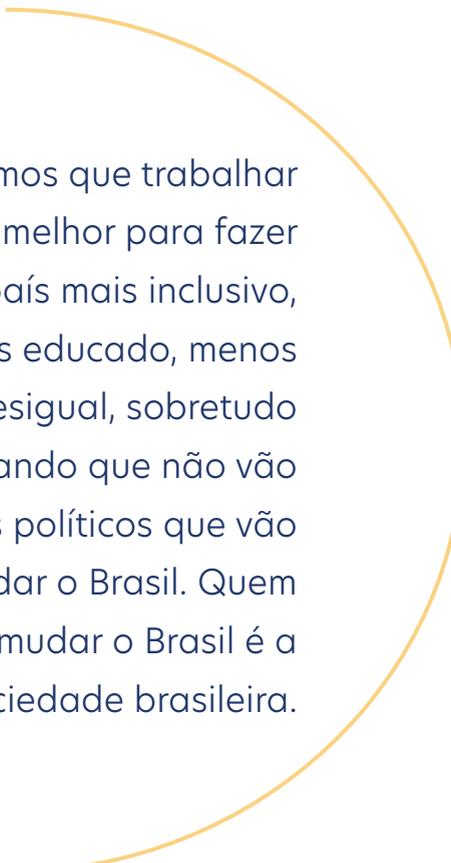
PROTAGONISTAS DO FUTURO

O desenvolvimento da indústria está em toda a parte, com enorme impacto na vida privada dos brasileiros. Os sociólogos explicam melhor: passamos de cidadãos a consumidores. Os interesses do agronegócio estão organizados dentro do Congresso Nacional, com partidos cada vez mais fortes, mais vorazes. Desejamos que, obviamente, esse grupo, que não é uníssono, comece a pensar articulado com ecologia. Sem essa postura, daqui a pouco, os produtos brasileiros não serão consumidos no exterior. Como diz o professor *Bolívar Lamounier*, não temos mais nações. As portas abertas à mundialização, em especial, e aos produtos chineses, deve ser uma das causas da nossa desindustrialização.

A educação dos trabalhadores é outro problema nuclear da indústria brasileira. Estamos passando de uma sociedade ainda braçal-mecânica para uma sociedade eletrônica e digital: uma sociedade inteiramente diferente. Os nossos estudantes estão cada vez mais despreparados, como mostram os números das avaliações internacionais. Educação e inovação formam um binômio. Os Estados Unidos colocaram todo mundo na escola no final do século XIX. O Vale do Silício está lá. A *Microsoft* e outros grandes grupos de inovação tecnológica nasceram lá.

Está faltando um protagonista nessa história: a própria sociedade civil. Se a sociedade brasileira não tiver como premissa que a educação é fundamental, enquanto não colocarmos dois milhões de pessoas mobilizadas pela educação, vamos continuar arrastando esse peso morto. É preciso que a mãe pergunte em casa se o filho está estudando, e que ela acompanhe o que está sendo feito. Nós sabemos que as histórias de sucesso têm, fundamentalmente, esse personagem escondido: uma mãe

O desenvolvimento da indústria está em toda a parte, com enorme impacto na vida privada dos brasileiros. Os sociólogos explicam melhor: passamos de cidadãos a consumidores.



Temos que trabalhar mais e melhor para fazer um país mais inclusivo, mais educado, menos desigual, sobretudo lembrando que não vão ser os políticos que vão mudar o Brasil. Quem vai mudar o Brasil é a sociedade brasileira.

que acompanha o ensino dos filhos. Enquanto a sociedade não esposar essa ideia, não adianta ter político falando em distribuir computadores para as crianças pobres, porque não vai funcionar.

O grande escritor francês *Georges Bernanos* dizia que *todo otimista é um idiota alegre, e todo pessimista é um idiota triste*. Eu não sou nem um, nem outro; sou alguém que acredita no trabalho. Cada um de nós, sobretudo professores

atuando na universidade, temos que trabalhar mais e melhor para fazer um país mais inclusivo, mais educado, menos desigual, sobretudo lembrando que não vão ser os políticos brasileiros que vão mudar o Brasil. Quem vai mudar o Brasil é a sociedade brasileira.

Termino citando o poeta *Affonso Romano de Sant'Anna*, que resume bem a saga e a sina do nosso país, nesse inspirado verso: *"Hoje dói muito dentro de mim essa coisa chamada Brasil"*.

A MODERNIZAÇÃO APRESSADA

Com toques precisos, **Mary Del Priore** faz um retrato singular das mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas: uma pintura do que aconteceu no Brasil no período, que ela chama de “anos de ouro dos anos de chumbo”. Fala como se fizesse pinceladas em um quadro que nos mostra o colorido de uma sociedade que se modernizou apressadamente e, em consequência, nos deixa perplexos com sua mistura de progresso e atraso, potencial e limitações.

Nossos antepassados conseguiram consolidar um país e aboliram, embora tardiamente, a escravidão; nossos contemporâneos das últimas décadas nos deram o retrato da modernidade caleidoscópica apresentada pela professora Del Priore. Pode-se acrescentar que, nos anos posteriores aos anos de chumbo, conseguimos implantar uma democracia, embora sujeita à instabilidade; dominamos a inflação; asseguramos vagas a quase todas as crianças nas primeiras séries do ensino fundamental; ampliamos velozmente o número de universitários; integramos o país nas comunicações e nos transportes; e criamos uma vasta rede de proteção social, com o SUS e os programas de transferência de renda.

Apesar disso, o Brasil continua dividido socialmente. Não mais os horrores da escravidão explícita, mas ainda a persistência da pobreza; uma sociedade partida e apartada. É perceptível uma barreira estagnante, que atravança o progresso econômico e social, e um atoleiro político, que dificulta a marcha para o futuro.

Como qualquer fotografia, essa feita pela historiadora Mary Del Priore não mostra o que foi destruído na construção da realidade, nem as oportunidades perdidas que poderiam ter feito uma realidade diferente, melhor e mais bela. A modernização apressada criou riquezas inimaginadas até pouco tempo atrás, mas exigiu concentração de renda, desperdício de recursos, migração forçada, empobrecimento e destruição de patrimônios, violência generalizada, novidades sociais que não se distribuía com justiça a toda a população, e os riscos da instabilidade política sem equilíbrio sólido entre as instituições.



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA